

ARTE E EAD - RELATO DE EXPERIÊNCIA COM AS DISCIPLINAS DE “LINGUAGENS: ARTES I E II” NA UAB UFSCAR

Anabela Leandro (Universidade Federal de São Carlos – anabelaleandro1@gmail.com)

Grupo temático 2. Pesquisa e produção do conhecimento em educação, tecnologias e linguagens
Subgrupo 2.2. Educação a Distância: tendências e temas silenciados na pesquisa.

Resumo

Este texto discute a experiência vivenciada nas disciplinas de Linguagens Artes I e II na modalidade à distância do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. O artigo busca refletir sobre os caminhos trilhados na EaD para o estudo da arte como dimensão poética e pedagógica na formação dos futuros educadores, e transita entre questões relativas à Arte/Educação e a Educação à Distância articuladas pelos processos de vivências realizados pelos estudantes nas atividades das disciplinas.

Palavras chave: arte/educação, educação à distância, linguagens artísticas

Abstract:

This text discusses the lived experience in the disciplines of Arts Languages I and II in distance learning of the Education Course, Federal University of São Carlos. The essay reflects about the study of art as poetic and pedagogical dimension in training future educators, and transits between issues relating to Art / Education and Distance Learning experiences articulated by the processes undertaken by students in the activities of disciplines.

Keywords: art / education, distance learning, artistic languages

1. Arte/Educação¹

O ensino da arte até bem pouco tempo era compreendido apenas como atividade complementar das outras disciplinas escolares, sendo na maioria dos casos o espaço do lazer e da recreação, ficando assim de certa forma relegado ao segundo plano. Algumas conquistas foram feitas a partir da criação da LDB 5692, que tornava “artes” conteúdo obrigatório nos currículos do ensino fundamental e médio. Desde então, muitos autores vem contribuindo com suas pesquisas e propostas metodológicas para a valorização dos aspectos educativos contidos no universo da arte, compreendendo-a como mediadora de relações e ações culturais e valorizando-a em sua capacidade transformadora. Ana Mae Barbosa (2005), precursora dos estudos sobre Arte/Educação no Brasil e criadora da Abordagem Triangular, nos fala sobre algumas características singulares quando temos a presença da arte nos processos educativos:

... podemos dizer que a arte leva os indivíduos a estabelecer um comportamento mental que os levam a comparar coisas, a passar do estado das idéias para o estado da comunicação, a formular conceitos e a

¹ A utilização do termo Arte/Educação escrito com barra e não com hífen foi proposto pela pesquisadora Ana Mae Barbosa. Segundo Ana Mae o hífen traz o sentido de separação, já a barra dá o sentido de pertencimento. (BARBOSA, 2005)

descobrir como se comunicam esses conceitos. Todo esse processo faz com que o aluno seja capaz de ler e analisar o mundo em que vive, e dar respostas mais inventivas. O artista faz isso o tempo todo, seja para melhor se adequar ao mundo, para apontar problemas, propor soluções ou simplesmente para encantar, que é uma das formas de tirar você das mazelas do dia-a-dia. A arte não tem certo ou errado... (BARBOSA, 2005, p. 170)

Tendo em vista que a escola se configura como o primeiro espaço formal de contato com muitos conteúdos, torna-se também um espaço interessante para o contato com o universo da arte e suas linguagens: artes visuais, dança, música, literatura, teatro e multimídia. Contudo, ainda hoje os espaços educativos formais encontram dificuldades para lidar com a subjetividade trabalhada com, e através da arte. Esta subjetividade que busca a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir, que promove a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas não se enquadra nos moldes fechados da fragmentação do conhecimento.

Em nossas experiências tanto em sala de aula presencial, como na modalidade à distância, fica evidente o quanto estamos pouco desenvolvidos, alfabetizados ou habituados com as linguagens artísticas. Pedir para que um adulto faça um simples desenho expressando suas idéias é quase uma tortura. A frase automática que surge em quase todos os casos é: “eu não sei desenhar”. Assim ocorre com todas as outras linguagens, pois a escola formal trabalha basicamente com a escrita. A arte no senso comum geralmente é relacionada como “algo apenas emocional e não mental, como trabalho das mãos e não da cabeça”. (BARBOSA, 2005.) Em sua abordagem mais atual a Arte/Educação está associada ao desenvolvimento da cognição, ou seja da capacidade de aprender e de desenvolver maneiras próprias de pensar, de interpretar, de formular questões, explorando múltiplos sentidos e significações. Tanto o fazer artístico quanto a fruição estética no processo educativo contribuem para o desenvolvimento dessa capacidade de conceber e olhar o mundo de modos diferentes, criando o espaço da contradição que muitas vezes não é bem vindo nas relações formais entre professor - aluno.

A arte pode atuar na formação não apenas do aluno, do estudante, mas do indivíduo, do cidadão, do sujeito. Neste sentido não pensamos apenas no fazer artístico, mas nos significados que ele pode ter nas sociedades sendo parte de um contexto maior que é o da cultura. Como nos coloca Jesús Barbero-Martin:

...na redefinição da cultura é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (BARBERO-MARTIN, 1997, p. 287)

O mergulho no universo da arte pode nos levar a conhecer o nosso repertório cultural e entrar em contato com outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento sobre outra, todas as experiências e maneiras de conceber e organizar a vida são levadas em conta, promovendo a valorização da diversidade. Em suas pesquisas com educação intercultural em arte e a estética do cotidiano, Ivone Richter (2003) compreende as práticas humanas como formas culturais, considerando a diversidade como

uma força e um recurso para a educação, buscando, como propõe Barbero-Martin (1997), a expansão do conceito de cultura. Neste sentido é possível, através da arte, abrir espaços para manifestações que possibilitam o trabalho com a diferença, o exercício da imaginação, a auto-expressão, a descoberta, experiências perceptivas, experimentação da pluralidade, multiplicidade e diversidade de valores. A presença da arte seja através de trabalhos práticos, contemplativos ou investigativos pode trazer algo muito valioso para os envolvidos no processo: o aprendizado como experiência. Sobre esta questão Jorge Larrosa Bondía coloca:

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma... A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar... (BONDÍA, 2001, p.24)

Este é o tempo da arte, importando menos os resultados e mais a qualidade de seus cursos, transformando acontecimento e devir em campo de sentido, como nos coloca Elaine SCHMIDLIN (2010) citando (DELEUZE, 1992).

Não falamos aqui apenas do trabalho do arte educador, mas da utilização das linguagens artísticas pelos educadores em geral. Vivemos hoje um momento muito interessante em relação à produção da arte e da cultura. Após a chamada “Cultura midiática” no qual os meios técnicos de produção cultural (cinema, televisão, jornais e revistas) passaram a ser produtores e divulgadores da arte e da cultura, estamos vivendo o que Pierre Levy (1999) chama de “Cibercultura”. Com a criação da internet, todos somos potenciais produtores de conteúdos, deixamos de ser espectadores ou leitores para sermos, como nos coloca Arlindo Machado (2007) “interatores”. Dentro desta nova perspectiva, podemos dizer que houve uma mudança significativa em nosso papel como educadores, uma vez que o acesso ao conhecimento e a própria produção deste conhecimento está disponível para cada indivíduo dentro da sociedade. Qualquer pessoa conectada às redes sociais pode produzir e publicar um texto, um vídeo, uma imagem, uma música, etc. O acesso aos mais diversos materiais de estudo também se tornou relativamente mais simples. Quando estamos na escola trabalhando com os continentes na aula de geografia, por exemplo, o aluno, ao chegar em casa, pode através do “Google Earth” visitar a Oceania, a Ásia, África através de imagens de satélite com precisão incrível. É totalmente possível ouvir uma música produzida em Istambul, no Japão, em Angola ou em qualquer lugar do planeta. O educador precisa refletir sobre este novo modelo de cultura, e encontrar o seu espaço. Ele não é mais o detentor do conhecimento, talvez possa ser um orientador que produz conhecimento junto de sua turma. Justamente pelo fato da arte hoje transitar por fronteiras híbridas, sua intensidade e potência se aplicam em diversos níveis nos processos educativos. A esse respeito Ana Mae Barbosa nos diz:

Vivemos a era “inter”. Estamos vivendo um tempo em que a atenção está voltada para a internet, a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a integração das artes e dos meios como modos de produção e significação desafiadores de limites, fronteiras e territórios.

... Agora a arte contemporânea trata de interdisciplinarizar, isto é, pessoas com suas competências específicas interagem com outras pessoas de diferentes competências e criam, transcendendo cada uma seus próprios limites ou simplesmente estabelecendo diálogos. (BARBOSA, 2008)

Algumas das questões colocadas acima direcionaram o nosso trabalho com os estudantes do curso de graduação em pedagogia da EaD, através delas formulamos as diretrizes para o estudo das linguagens artísticas nesta modalidade.

2. Linguagens artísticas: algumas abordagens na EaD

Elaborar uma disciplina na modalidade à distância requer inicialmente uma reflexão acerca das especificidades deste processo de ensino-aprendizagem mediado pelas chamadas novas tecnologias. Desenvolver a capacidade de aprendizado numa estrutura baseada na rede virtual exige basicamente, como aponta Vani Moreira Kenski (2008) “perceber os processos a partir de uma nova ótica”. Tendo em vista alguns desafios da Arte/Educação abordados acima, vislumbramos agora os desafios presentes em desenvolver este trabalho com as linguagens artísticas dentro de um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Apesar de alguns professores assumirem que exista uma grande interface entre a docência presencial e a docência na EaD, segundo ROZENFELD (2010), esta última tem peculiaridades que ainda precisamos compreender e explorar, sobre isto também nos diz KENSKI:

As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo. Não existe mais a possibilidade de considerar-se alguém totalmente formado, independentemente do grau de escolarização alcançado. Além disso, múltiplas são as agências que apresentam informações e conhecimentos a que se pode ter acesso, sem a obrigatoriedade de deslocamentos físicos até as instituições tradicionais de ensino para aprender. Escolas virtuais oferecem vários tipos de ensinamentos on-line, além das inúmeras possibilidades de se estar informado, a partir das interações com todos os tipos de tecnologias mediáticas. “Na atualidade, o que se desloca é a informação”, diz Virilio (1993, p. 110). E esses novos conhecimentos deslocam-se em dois sentidos: o primeiro, o da espacialidade física, em tempo real, sendo possível serem acessados através das tecnologias mediáticas de última geração. O segundo, pela sua alteração constante, transformações permanentes, sua temporalidade intensiva e fugaz. (KENSKI, 1998, p.60)

A reflexão sobre alguns aspectos específicos da EaD nos ajudaram a tecer os caminhos do nosso trabalho com as Linguagens Artísticas. Na impossibilidade de detalharmos cada um destes aspectos elencamos alguns mais importantes para a nossa análise no presente artigo.

Inicialmente voltamos o nosso olhar para a *quebra da relação hierarquizada* entre professor - aluno, na qual o primeiro se configura como o detentor do conhecimento e o

segundo apenas absorve os conteúdos. A *interação* no ambiente virtual pode promover trocas entre todos os envolvidos no processo, redimensionando as relações entre educador e educandos. A centralização no ensino e no professor se desloca para a aprendizagem do aluno. Esta maneira de interagir na qual cada grupo inserido configura-se pelos seus valores e sentidos, e também torna-se ator na construção e transmissão dos mesmos, se aproxima muito dos objetivos da Arte/Educação. A construção colaborativa do conhecimento e as trocas comunicativas efetivas também se aproximam de maneira muito interessante da produção da arte contemporânea e da configuração da perspectiva cultural que vivemos hoje.

Uma outra questão que nos direcionou foi o da *docência compartilhada*. Se por um lado a possibilidade de trabalho com uma equipe de docentes tutores pode ampliar de maneira significativa a construção e o direcionamento dos conteúdos, por outro, torna-se um desafio encontrar o equilíbrio entre a aplicação dos objetivos da disciplina elaborados pelo professor responsável e o que cada um pode inserir como ator na construção deste processo e no trabalho de orientação com os alunos. Segundo MILL, ABREU-E-LIMA, LIMA e TANCREDI, o docente tutor desenvolve uma importante função, pois é ele quem acompanha os alunos individualmente em seu processo de aprendizagem:

Com o surgimento dessa nova categoria de teletrabalhadores, é necessário que se perceba que apesar de aspectos distintos no trabalho do professor e do tutor, ambos apresentam característica do trabalho docente. Ao pensarmos um programa de orientação aos tutores, por exemplo, precisamos considerá-lo como um profissional que lidará com questões que envolvem ensino-aprendizagem e que, portanto, devem saber aprender a explicitar e orientar os alunos sobre como enfrentar os desafios que se impõem no ambiente virtual. (MILL, ABREU-E-LIMA, LIMA e TANCREDI, 2008, p.125)

Em citação anterior de Ana Mae Barbosa, vimos que em arte não existe certo ou errado, vimos ainda que a pesquisa com este universo envolve a busca pela subjetividade, pelo auto-conhecimento, pela valorização das experiências pessoais, então o nosso desafio inicial seria o de orientar/formar a equipe para que o processo e o tempo da experiência de cada educando fosse valorizado e não apenas a sua produção final. Mais adiante, quando abordarmos o contexto das disciplinas em si iremos detalhar este trabalho com a equipe.

Uma outra questão situa-se justamente no *tempo da experiência*. Na educação a distância as disciplinas de graduação geralmente cumprem o mesmo número de horas do que na modalidade presencial. Contudo estas horas são condensadas num prazo significativamente menor, por exemplo: uma disciplina de 60 horas ministrada em 4 meses, na EaD pode ser ministrada em um pouco mais de um mês. Neste ponto encontramos um grande desafio, pois o tempo de amadurecimento das questões, idéias, dúvidas, conceitos, o tempo da experiência vivida pelos alunos fica de certa maneira comprometido. No intervalo de uma semana nem sempre os alunos são capazes de amadurecer seu aprendizado. No trabalho com questões subjetivas ligadas a arte esta questão pode criar barreiras para a construção significativa dos conhecimentos. Por outro lado nos questionamos: talvez este tempo mais curto da modalidade a distância coadune com as percepções contemporâneas de apreensão de informações e conteúdos, tudo está mais rápido, tudo sendo feito em um

espaço de tempo sempre menor. Sobre este sentido em que o homem compreende o tempo na vida cotidiana, KENSKI escreve:

As tecnologias — velhas, como a escrita, ou novas, como as agendas eletrônicas — transformam o modo como dispomos, compreendemos e representamos o tempo e o espaço à nossa volta. O universo de aparelhagens de que nos servimos diariamente redimensionam as nossas disponibilidades temporais e os nossos deslocamentos espaciais. O tempo, o espaço, a memória, a história, a noção de progresso, a realidade, a virtualidade e a ficção são algumas das muitas categorias que são reconsideradas em novas concepções a partir dos impactos que, na atualidade, as tecnologias eletrônicas têm em nossas vidas. (KENSKI,1998, p.60)

Partindo destas questões iniciais as disciplinas de Linguagens Artes I e II foram formuladas e já experienciadas em seis ofertas dentro do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Apresentaremos a seguir os caminhos trilhados na EaD para o estudo da arte como dimensão poética e pedagógica na formação destes futuros educadores.

3. O contexto das disciplinas de Linguagens Artes I e II

Dentro do projeto pedagógico do curso de graduação em Pedagogia da UFSCar na modalidade a distância, os objetivos estão voltados para uma educação reflexiva e para a construção do conhecimento em um processo ação-reflexão-ação. Partindo deste objetivo geral estruturamos as seguintes diretrizes para LA I e LA II:

Em *Linguagens: Artes I* a proposta de trabalho com os alunos é introduzir um pensamento acerca do universo da arte e ampliar o olhar para os diversos significados e papéis que ela pode desempenhar em suas vidas e posteriormente em seu trabalho como educadores. O desafio colocado é que cada um pesquise e reveja *a sua relação* com a Arte para refletir como e por que incluí-la no currículo. Para isso pesquisamos os significados e papéis da arte; as definições e abrangências do termo arte; a arte no processo educativo; experiências e vivências com as diferentes linguagens artísticas e suas potencialidades; a arte no âmbito da cultura e o papel do professor pesquisador.

Em *Linguagens: Artes II* para conduzir o debate escolhemos a linguagem fotográfica, que, apesar de ser amplamente difundida em nossa sociedade, ainda é pouco explorada como linguagem artística nos ambientes educacionais, sejam eles formais ou não-formais. Suas potencialidades enquanto linguagem e sua singularidade enquanto documento histórico permite um amplo trabalho nos campos das artes, das ciências e da memória. Para isso investigamos as especificidades da fotografia enquanto linguagem e suas aplicações pedagógicas; buscamos conhecer as diversas “histórias” da fotografia; desenvolver leituras imagéticas; pesquisar as relações possíveis entre a fotografia e a memória; desenvolver ensaios fotográficos; criar um portfólio com as fotos realizadas na disciplina; montar uma exposição fotográfica nos pólos e explorar as fronteiras entre a fotografia e as outras linguagens artísticas.

6

Nas duas disciplinas trabalhamos mais com perguntas do que com respostas e neste processo os alunos são convidados/provocados a perceber, a partir da sua relação pessoal com a arte e de experiências práticas/reflexivas, as singularidades que cada linguagem pode oferecer pois cada uma está constituída dentro de um universo próprio. Em nenhum momento oferecemos modelos de aplicação destas linguagens nos processos educativos, buscamos uma experiência qualitativa na qual através das vivências construídas na disciplina, os alunos possam trilhar seus próprios caminhos.

3.1 A ferramenta fórum

O que é arte para você? Como a arte entra em sua vida? Você tem lembranças de atividades com arte em seu tempo de escola? Em uma sala de aula presencial não teríamos dificuldades em realizar este debate, conduzindo os alunos num processo de reflexão mapeando algumas características do grupo. Contudo, na EaD temos turmas com cerca de 200 alunos por oferta, e uma média de 25 alunos para cada docente tutor. Optamos então por iniciar utilizando a ferramenta *Fórum* que possibilita a interação entre os participantes e destes com a equipe.

Um primeiro *Fórum de apresentação*, chamado “O espaço da arte em você” teve o objetivo de fazer com que o grupo compartilhasse suas histórias, dúvidas e questões. Subdividimos cada grupo de 25 alunos em dois, para que a conversa ficasse ainda mais fluída nos fóruns. Esta atividade buscou fazer com que os alunos se apresentassem, contassem suas experiências com a arte e percebessem as dificuldades em definir e delimitar o que é arte. Os tutores foram orientados a também interagir no fórum propondo questões. Esta participação enriqueceu muito a atividade, pois não podemos criar uma tarefa de diálogo e sair da sala deixando os alunos debatendo sozinhos. Neste percurso algumas outras questões foram sugeridas pelos tutores, tais como: Quem define o que deve ser considerado arte? Por que algumas obras estão no museu e outras não? Ao final da atividade apresentamos algumas definições de arte escritas por teóricos e artistas renomados compiladas no livro “Para que servem as definições de arte” de Frederico Moraes, compartilhando com os alunos que não é tão importante definirmos, delimitarmos, fecharmos um só conceito. Abaixo algumas destas definições compartilhadas no fórum:

“Devo confessar preliminarmente, que eu não sei o que é belo e nem sei o que é arte.”

Mário de Andrade, 1938

“A invenção de grossas mentiras e a descoberta de belas inverdades formam propriamente o objetivo da arte.” Frederico Zucari, 1607

“Todos sabemos que arte não é verdade. Arte é uma mentira que nos faz compreender a verdade, pelo menos a verdade que podemos compreender.” Pablo Picasso, 1923.

“ A arte pode ser ruim, boa ou indiferente, mas qualquer que seja o adjetivo empregado temos que chamá-la arte, a arte ruim é arte, do mesmo modo como uma emoção ruim é uma emoção.” Marcel Duchamp, 1957

Utilizamos em diversos momentos a ferramenta *Fórum* relacionando-a com os materiais de estudo para promover o debate e a interação dos alunos a partir de textos, filmes, entrevistas e imagens. Contudo, na pesquisa com a linguagem fotográfica em Linguagens Artes II fizemos uma utilização um pouco diferente desta ferramenta. Na unidade 2 os alunos realizaram diversas leituras de uma mesma fotografia, observando os caminhos compositivos e interpretando a fotografia a partir de diversos enfoques: histórico,

estético, semiótico, antropológico, pedagógico. Segundo ROSSI (2003) “ler uma imagem é fazer-lhe, implicitamente, perguntas. Compreendê-la é ter as perguntas respondidas por ela.” Da mesma maneira que somos capazes de ler e interpretar um texto escrito, podemos também ser capazes de ler as imagens e interpretar seus códigos, neste sentido deixaremos de ser meros espectadores para nos tornarmos pesquisadores exercitando o nosso olhar e *pensando as imagens*. Etienne Samain (2000) nos apresenta o modo singular como nos relacionamos com uma fotografia frente a outras formas de visualidades não menos singulares:

Ver um filme não é olhar para uma fotografia. São atos de observação, posturas do olhar muito diferentes. Assiste-se a um filme, mergulha-se numa fotografia. De um lado, um olhar horizontal, do outro, um olhar vertical, abissal. Enquanto as imagens projetadas levam o espectador num fluxo temporal contínuo, que procura seguir e entender; as fotografias, por sua vez, o fixam num congelamento do tempo do mundo e o convidam a entrar na espessura de uma memória. Diante da tela, somos viajantes e navegadores; diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos. Posturas diferentes do olhar, sobretudo maneiras diferentes de ver e de pensar o mundo. (SAMAIN, 2000, p. 62)

O momento atual apresenta uma enorme quantidade de imagens, estamos acostumados a vê-las, mas não a pensar criticamente sobre elas. O objetivo do trabalho com leitura imagética nesta disciplina é o de apontar um possível caminho no diálogo entre educador e seus alunos em qualquer conteúdo, compartilhando com eles o prazer de descobrir significados ao interagir com o universo da arte. Por ser uma construção, uma vez que é um recorte do tempo e do espaço a partir do olhar do fotógrafo, uma fotografia pode servir para os mais diversos fins. As imagens educam e fazem parte da expressão humana. Cabe a nós, educadores, investigarmos sua singularidade e as maneiras pelas quais esta linguagem pode ser utilizada nos mais diversos processos educativos. (LEANDRO, 2011)

Após terem realizado algumas leituras anteriores da fotografia de Henri-Cartier Bresson (ver Figura 1), o Fórum intitulado “O invisível da imagem” propôs a criação de uma *história coletiva a partir da foto*. O objetivo desta tarefa em grupo era tentar enxergar o “invisível da imagem”, ou seja, aquilo que vemos não apenas com nossos olhos, mas com nossa memória, nossos conceitos, nossos sentimentos. Cada aluno deveria fazer uma única postagem deixando a continuidade da história para o próximo e assim por diante. Eles estavam livres para criar e dizer o que poderia estar por trás da fotografia e não apenas o que está visível na cena, e ir além, descobrindo ainda o que poderia estar “entre” eles e a fotografia.

Cada grupo criou histórias completamente diferentes: alguns partiram de um personagem presente na foto, como as crianças “perdidas” na porta da igreja; as “viúvas” que perderam seus maridos na guerra e tinham que trabalhar duro vendendo pães para sobreviver; um grupo de “religiosas” que se vestia de maneira recatada e dedicava sua vida à igreja; toda a população da vila organizando uma festa religiosa. Outro grupo se colocou como se fosse o próprio fotógrafo H.C. Bresson no momento da tomada da fotografia tentando descobrir o que lhe chamou a atenção naquela fração de segundo de uma vila na Itália. Cada aluno colaborou no Fórum trazendo a sua identificação com o universo daquela fotografia.



Figura 1. Fotografia utilizada para diversas leituras em Linguagem Artes II. Henri-Cartier Bresson, Aquila degli Abruzzi, Itália, 1956. fonte: http://www.henricartierbresson.org/publi/home_fr.htm

Dentro destas diversas leituras percebemos pontos similares nas histórias construídas pelos grupos: todos falaram de um passado muito distante e em todas as histórias aparece em algum momento um sentimento de tristeza geralmente relacionado ao inverno de dias frios e nublados. Será que se esta fotografia fosse colorida estes mesmos sentimentos estariam presentes? Levando em conta que na foto P/B todas as cores transformam-se em tons de cinza, será que os vestidos das mulheres eram negros? Será que as “viúvas” da história não estariam na verdade usando vestidos vermelhos, amarelos ou verdes? Ao final do fórum compartilhamos todas as histórias no ambiente para que o grupo total de alunos pudesse apreciá-las e levantamos juntos estas questões: Que mistérios pode guardar uma fotografia? Que caminhos nossa memória pode percorrer através dela? Que ciladas podem nos proporcionar? Como estas leituras podem ser úteis para o educador? (LEANDRO, 2011)

A *ferramenta fórum* nos auxiliou muito nesta construção, pois nela os alunos já estavam acostumados a trabalhar coletivamente. Nesta experiência cada um apresentou a sua leitura pessoal, porém percebendo-a dentro de um contexto colaborativo e interativo, características que o fórum virtual exige.

3.2 A Base de dados e o diário reflexivo

Nas duas disciplinas já descritas acima existem atividades que exigem que os alunos se expressem sem poder, em um primeiro momento, utilizar a linguagem escrita. O objetivo destas tarefas é conduzir os alunos à uma reflexão sobre as linguagens artísticas, como elas podem enriquecer o nosso discurso e sobre como estamos muito focados em uma só forma expressiva.

Uma destas atividades chamou-se “Impressões não escritas”, na qual os alunos, após lerem um artigo, deveriam elencar os aspectos que considerassem mais relevantes e fazer um comentário sobre o texto. Contudo, este comentário não poderia ser feito com a linguagem escrita, para isto sugerimos alguns caminhos e deixamos os alunos livres para utilizarem uma ou mais linguagens juntas. Esta atividade tem sido um grande desafio, pois exige bastante interação da equipe para responder dúvidas e estimular os alunos se permitirem viver a experiência sem medo de acertar ou errar. Assim, para que todos pudessem apreciar os mais diversos resultados desta atividade, utilizamos a *Base de Dados* que aqui nos serviu como uma sala de exposição dos trabalhos. Esta ferramenta permitiu ainda que todos pudessem comentar sobre os trabalhos expostos criando um segundo momento de reflexão dentro da mesma tarefa.

A Base também foi utilizada em outras atividades, tais como: a exposição do Portfólio Fotográfico construído em Linguagens Artes II; a exposição da pesquisa de campo com Arte de Rua, na qual os alunos durante Linguagens Artes I registraram os Grafites de suas cidades; por fim podemos citar ainda a atividade “ Eu não sei desenhar”, na qual os alunos refletiram sobre a dificuldade que a maioria dos adultos enfrentam quando são colocados diante de um papel em branco. Nesta atividade após conhecerem a série de “Desenhos de uma linha só” de Pablo Picasso e observarem a expressão que um simples traço no papel pode ter, eles foram encorajados a realizar desenhos de uma linha só, técnica na qual não podemos tirar o lápis do papel até que o desenho termine e também não se pode utilizar borracha, a linha irá conduzir e decidir para onde vamos. Para esta atividade também lemos a poesia “O circo” de Manoel de Barros, que serviu como inspiração para o desenho. A exposição de todas as atividades na Base de Dados foi muito interessante enquanto geradora de trocas de informações e compartilhamento das experiências.

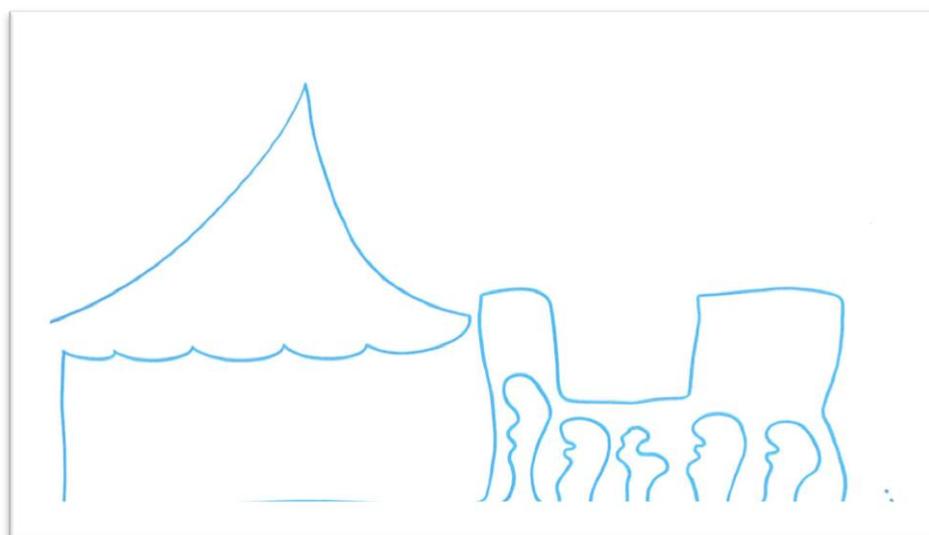


Figura 2 - Desenho de uma linha só postado na Base de Dados para a atividade “Eu não sei desenhar.
Aluna S. T.

No entanto, além de visualizarmos o trabalho prático dos alunos é importante para nós sabermos até que ponto as experiências vividas foram válidas para eles, quais dificuldades enfrentaram, quais dúvidas, descobertas, relações eles estabeleceram com os conteúdos. Neste sentido a utilização do *Diário Reflexivo* é bastante válida para o processo. Pedimos para que, a cada trabalho prático realizado e exposto, os alunos registrem em seus diários como foi a experiência. Abaixo algumas reflexões dos alunos sobre a atividade “Eu não sei desenhar”:

Gostaria de registrar minhas percepções sobre a atividade proposta. Senti muita insegurança ao fazer um desenho onde não podia parar a linha e nem usar borracha. As proporções não ficaram legais e eu não sabia se poderia sobrepor as linhas. No entanto penso que esse seja o desafio: não ficarmos presos ao que julgamos belo. Foi difícil liberar a criatividade, mas foi válido! (C.S., 13 de maio de 2014 às 16:40h)

Olá, pessoal!

Realizar esta atividade me fez perceber o quanto parece difícil expressar as minhas ideias por meio do desenho, mas também como é prazeroso passar uma mensagem utilizando um único traço. Nunca havia feito um desenho sem tirar o lápis do papel, mas gostei bastante desta técnica. Acredito que a última vez que realizei uma atividade de desenho foi no 2º ano do ensino médio e gostei muito de voltar a desenhar. (A.D., 12 de maio de 2014 às 18:15h)

A criação deste desenho me fez lembrar o meu tempo de infância aonde adorava desenhar, tinha minha pasta de desenhos, até perdê-la em uma enchente.

Com a poesia “O Circo” de Manoel de Barros, o que mais fica gravado em nossa mente, é a visão que as crianças têm sobre o nu, ao espiarem as trapezistas pelo furo na lona. O ponto mais difícil em elaborar o desenho foi em não poder tirar o lápis do papel, é como fazer uma assinatura, exige muito de nossa concentração e percepção do que queremos elaborar. (J.M., 13 de maio de 2014 às 9:34h)

Os diários, como nos aponta Zabalza (1994), podem ser um excelente suporte para uma formação reflexiva, valorizando as experiências vivenciadas e fazendo as conexões com o contexto mais amplo, levando ainda o aluno à possíveis questionamentos das suas práticas. Podemos dizer que, além de ser uma ferramenta importante na formação do aluno, estes relatos em diário ao nos trazerem questões pessoais da experiência de cada um, nos permitem refletir sobre as atividades e seu papel efetivo dentro dos objetivos da disciplina, fazendo com que sejam repensadas a cada oferta.

4. Considerações Finais

Tendo em vista a diversidade presente no campo das linguagens artísticas e o desafio em inserí-las nos processos educativos, sejam eles presenciais ou a distância, sabemos que nossa investigação está apenas iniciando. Neste artigo buscamos apresentar algumas experiências realizadas em duas disciplinas na modalidade a distância em um curso de graduação de uma Universidade Federal. A nossa reflexão acerca de alguns aspectos tanto do campo da Arte/Educação como da Educação a Distância nos levaram a formular atividades e perceber como determinadas ferramentas poderiam potencializar a arte como dimensão poética e pedagógica.

No presente texto descrevemos algumas experiências com a ferramenta Fórum, a Base de Dados e o Diário Reflexivo. Na elaboração das estratégias didáticas para o estudo da arte nesta modalidade pudemos ainda contar com outras ferramentas como álbuns fotográficos, pod casts, webconferências. Neste sentido notamos que o contato com as novas tecnologias proporcionado pela EaD tornou-se um facilitador em alguns momentos deste processo, aproximando os alunos da construção de conteúdos e de práticas. Por outro lado, a proposta de trabalho com linguagens artísticas envolve conteúdos subjetivos e muitas vezes complexos de serem apreendidos nos curtos prazos do calendário da EaD. Esta dificuldade inicial vem sendo superada pelo trabalho de docência compartilhada não apenas com o docente tutor, figura-chave no processo de ensino- aprendizagem, mas com toda equipe: técnicos, designers, supervisores, tutores presenciais.

O trabalho *com* e *por meio* da arte pode reaproximar a educação da *cultura*, ultrapassando os limites formais da escola. Trabalhar conteúdos por meio da sensibilidade das linguagens artísticas pode ser um ganho para todos os envolvidos no processo. Cabe a nós construímos os caminhos.

5. Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (orgs). *Interritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora SENAC SP/Edições SESC SP, 2008

_____. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBERO-MARTIN, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Campinas: Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME, 2001.

KENSKI, V. M. *Novas tecnologias. O redirecionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*. São Paulo: Ação Educativa/Anped, 1998

KENSKI, V. M. *Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias*. Cadernos Pedagogia Universitária. São Paulo: FEUSP, 2008

LEANDRO, Anabela. *Pensando fotografia*. Coleção UAB-UFSCar. São Carlos: Dep. Produção Gráfica UFSCar, 2011.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MORAIS, Frederico. *801 definições sobre arte e o sistema da arte*. 4 ed – Rio de Janeiro: record, 2002.

MILL, Daniel; ABREU-E-LIMA, Denise; LIMA, Valéria Sperduti; TANCREDI, Regina Maria S. P. *O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo*. Cadernos de Pedagogia, Ano 02, Volume 02, número 04, agosto/dezembro de 2008. Disponível em: www.sead.ufscar.br

RICHTER, Ivone Mendes. *Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea*. In BARBOSA, A. M.; AMARAL, Lilian (orgs). *Interritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora SENAC SP/Edições SESC SP, 2008

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

ROZENFELD, Márcia G. de O.; COSTA, Gislaiane; LEANDRO, Anabela. CANAVEZ, Kelly dos R.; GONÇALVEZ, Arlete; SANTIAGO, Glauber. *Educação musical na modalidade a distância: o que pensam os alunos ingressantes e quais suas expectativas*. Resumo para poster apresentado no Congresso Brasileiro do ensino Superior a Distância – ESUD, 2010.

SAMAIN, Etienne. *Nos jardins de infância: viagens dentro de uma despretençiosa fotografia*. In: VON SIMSON, O. R. de M. (org). *O garimpeiro dos cantos e dos antros de Campinas. Homenagem a José Roberto do Amaral Lapa*. Campinas: CMU, 2000.

SCHMIDLIN, Elaine. *Captura e encontro na docência em arte*. In: EÇA, Teresa T. P.. *Desafios da educação artística em contextos ibero-americanos*. Porto, Portugal: APECV, 2010.

ZABALZA, M. A. *Diários de Aula*. Porto, Portugal: Porto Ed., 1994.